

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO
DOCTRINA CATÓLICA**



**LIVRO DO EVANGELHO
SEGUNDO SÃO MARCOS**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS

pixabay.com.br

pt.wikipedia.org

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO AO LIVRO DO EVANGELHO

SEGUNDO SÃO MARCOS.....	6
A pessoa de Marcos	7
O estilo de Marcos.....	7
Conteúdo do evangelho de Marcos	9
Finalidade deste evangelho	9
Chaves para a leitura de Marcos	9
A experiência missionária de Marcos.....	9
Seu relacionamento com Pedro	10
O contato com Roma.....	11
Quando foi escrito o evangelho de Marcos?.....	11
Elucidações Complementares.....	12
As características literárias de Marcos.....	12
Realismo e senso do concreto.....	12
A arte de contar	13
O esquematismo dos relatos	14
A composição literária do evangelho	15
Marcos e a liturgia	17
Marcos e a catequese.....	17
Perspectiva doutrinal de Marcos.....	17
O que dizem os estudiosos modernos?	19
Como sabemos que Marcos é o autor do 2º evangelho?.....	19
Síntese	21

ESTUDO DO LIVRO DO EVANGELHO	
SEGUNDO SÃO MARCOS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS



Marcos é o mais breve dos evangelhos e, além disso, quase todo seu conteúdo já se encontra nos outros. Dele mesmo é só a vigésima parte do material que transmite. Mateus traz 600 dos 661 versículos de Marcos, enquanto que Lucas traz 350 (mais da metade de Marcos). É justamente esse um dos motivos que explicam por que Marcos ficou esquecido por muito tempo na Igreja antiga e depois nos anos seguintes. Dele, com efeito, não existe nenhum comentário da época dos Padres da Igreja (antigos santos doutores). É o oposto do que aconteceu com o evangelho segundo Mateus.

Hoje, porém, a situação mudou: “Os comentários recentes de Marcos são mais numerosos e mais minuciosos que os de Mateus” (*Introd. à la Bible II*, de Robert-Feuillet, p. 197). Os motivos?

O motivo apologético, por exemplo, pois desde o século XIX Marcos é visto como a mais importante das fontes dos outros dois sinóticos. Além disso, muito influenciou seu caráter espontâneo, prático, vivo... junto com seu sabor popular. Assim, Marcos nos arrasta e nos empolga ao nos fazer sentir o mistério da pessoa de Jesus...

Pesquisas literárias e históricas dos séculos XIX e XX deram um lugar de destaque ao evangelho de Marcos. Hoje em dia, aparece quase sempre citado em primeiro lugar. Razões:

Descobriu-se que Marcos é o mais antigo dos nossos evangelhos.

Em vez de ser uma “abreviação” dos outros evangelhos, deve-lhes ter servido de base ou ter sido, ao menos, uma de suas fontes principais.

Marcos recobrou credibilidade, pois parece muito mais próximo da história e da vida de Jesus do que os outros evangelhos.

Marcos fala do Jesus que está cansado, que dorme, que repreende, que fica triste, que sofre etc. Mostra o lado concreto e humano de Jesus, muito mais que sua divindade. Ora, nota-se hoje um interesse muito grande justamente pela humanidade de Jesus, isto é, pelo seu lado humano.

Por todas essas razões, hoje podemos falar de uma redescoberta do evangelho de Marcos.

A pessoa de Marcos

Marcos, ou João Marcos, era natural da Palestina. Sua família era amiga de Pedro. Este, ao sair da prisão, dirigiu-se para a casa da mãe de Marcos, onde os primeiros cristãos estavam “reunidos em oração” (At 12,12ss).

Marcos era primo de Barnabé, a quem acompanhou em várias viagens missionárias. Tornou-se um elemento precioso, mais tarde requisitado por Paulo, já prisioneiro em Roma (Fm 24; Cl 4,10ss; 2Tm 4,11).

Marcos foi também colaborador e discípulo de Pedro, que o recorda na sua primeira carta (5,13). A antiga tradição da Igreja vê em Marcos, “intérprete de Pedro” (Pápias), o autor do segundo evangelho.

O estilo de Marcos

O evangelho de Marcos é uma espécie de relatório. Narra os fatos em um modo muito simples e popular, mas com colorido e movimentação, tanto da parte de Jesus como dos discípulos.

1. Marcos narra os acontecimentos em estilo popular com expressões que se repetem: “e então”, “em seguida”, “e depois”

etc. As frases são sempre justapostas por meio de um “e”, tanto no meio das frases como também no seu início (80 vezes sobre 88). Um bom exemplo disso é 10,33-34: nesses dois versículos, o “e” aparece nove vezes no original grego. Marcos apresenta apenas um período um pouco longo com frases subordinadas (5,25-27).

2. Expressões redundantes em Marcos: “A tarde depois do pôr do sol” (1,32); “de manhã, tendo-se levantado muito antes do amanhecer” (1,35); “ele saiu e foi para um lugar deserto” (1,35). Todo bom narrador procura prender a atenção dos ouvintes explicando as circunstâncias dos fatos.

3. Uma outra série de expressões, típicas de Marcos, apresenta o assunto de uma forma viva e concreta. A segunda frase geralmente vem apoiar e completar a primeira: “E imediatamente desapareceu dele a lepra e foi purificado” (1,42); “por que todo esse barulho e esses choros” (5,39); “Ainda não tendes refletido nem compreendido” (8,17); “Mestre, olha que pedras e que construções” (13,1). E há outros exemplos ainda. Neste caso, o narrador pode se achar talvez influenciado pelo paralelismo semítico.

Tudo isso não deve ser levado a mal. Marcos consegue prender a atenção. Torna-se concreto. Gosta dos detalhes. Seu estilo é quase jornalístico, com apresentação “fotográfica” das coisas: as palavras de Jesus surgem resumidas; os fatos, em detalhes e por extenso.

Exemplo: “A tempestade acalmada”. Comparar as narrações de Marcos (4,35-41) e de Lucas (8,23-25).

Conteúdo do evangelho de Marcos

O evangelho de Marcos deixa a impressão de ter sido escrito por alguém que havia presenciado os fatos descritos, sem floreios.

Ele narra uma série de milagres para tornar conhecido o Filho de Deus. Mostra a impressão causada pelos milagres e o respeito por Jesus que despertam. É o agir do homem Jesus que é apresentado, mas de tal modo que, após a leitura, se deve confessar: “Este homem era realmente o Filho de Deus” (15,39).

Esse segredo, porém, só aparece em plena luz no fim do evangelho: no mistério da Cruz. E quem o reconhece por primeiro?

O evangelho, além disso, fala muito da Igreja, do chamado e da missão dos apóstolos, exigências para quem quer seguir a Cristo: “O Reino de Deus está próximo; fazei penitência” (1,15).

Finalidade deste evangelho

Mostrar que Jesus é o Filho de Deus. Marcos escreve para judeus e pagãos. Ele se adaptou aos tempos. Explica os costumes e as expressões judaicas.

Resumindo: Marcos é um vivo historiador dos fatos, o qual mostra a judeus e gentios que Jesus é o Filho de Deus.

Chaves para a leitura de Marcos

A experiência missionária de Marcos

Foi uma experiência difícil e negativa no começo. Acompanhou Paulo e Barnabé na primeira grande viagem de pregação missionária. Mas quando estavam para penetrar no interior da Turquia, Marcos volta atrás (At 13,13). Por quê? Medo? Talvez. O fato é que, na segunda vez, Paulo

se nega a levar Marcos consigo. Barnabé e Paulo se desentendem por isso, separam-se e cada qual segue o seu caminho (At 15,36-40). Barnabé, todavia, confiou em Marcos. E este tornou-se um grande missionário.

Mais tarde, Marcos se acha em Roma, com Pedro e Paulo, que agora reconhece os grandes méritos do primo de Barnabé e se vale de seus préstimos (Cl 4,10 e 2Tm 4,11).

Marcos, por conseguinte, não ficou na Palestina. Foi missionário em terras pagãs. Isso nos é confirmado pela leitura de seu evangelho. E, como veremos, a experiência missionária de Marcos foi árdua não só no começo, mas sobretudo no período final.

Seu relacionamento com Pedro

É um fato comprovado. Isso nos ajuda a compreender o livro? Sim. De certo modo, sim. Quando Pedro entra em cena nesse evangelho, ele nunca é bajulado, engrandecido. O contrário é que acontece.

Lendo Marcos, a gente parece estar ouvindo uma testemunha ocular... É o depoimento de Pedro? É ele em pessoa quem está falando?

Os depoimentos (bastante vivos) são, todavia, esquemáticos; método que se repete e é fácil de ser guardado de memória. Pode ser o testemunho de Pedro e também o de outras pessoas, repetido nas pregações e na catequese da Igreja de Roma.

“Com o príncipe dos apóstolos, por detrás do evangelho de Marcos está a atividade da Igreja docente: dela ele tomou suas informações e dela depende. O evangelho é bem mais que uma obra privada; é o resultado da vida da Igreja primitiva, dos ministérios do Mestre, dos pregadores e dos evangelistas que receberam, meditaram e transmitiram a mensagem de Jesus” (Introdução à Bíblia, vol. IV, de T. Ballarini, p.143).

A atividade literária de Marcos, escritor, fica bastante na penumbra. Na

realidade, seu objetivo é nos fazer ouvir diretamente a catequese da nascente comunidade cristã, o primeiro anúncio ao mundo do “Evangelho” de Jesus.

O contato com Roma

Lendo o evangelho de Marcos percebe-se que foi escrito, predominantemente, para gentio-cristãos, quer dizer, para cristãos vindos do paganismo, a quem era necessário explicar os costumes judaicos (cf. Mc 7,1-5).

Um livro com tais explicações só pode ter surgido em terras pagãs (fora da Palestina). Foi escrito em Roma? É bem provável.

Outro detalhe: fica-se impressionado ao constatar o quanto se fala de perseguições nesse evangelho. A fé exigida por Marcos é uma fé vivida em situação de oposição, de conflito. Trata-se de uma fé contestada, pela qual é preciso correr riscos, porque o meio ambiente a rejeita: rejeita tanto essa fé como aqueles que a abraçam.

As inúmeras alusões a uma situação de perseguição explicam-se muito bem se o livro foi escrito em Roma pelos anos da morte de Pedro, isto é, durante a perseguição de Nero, que irrompeu no ano 64 d.C.

Quando foi escrito o evangelho de Marcos?

1º ponto de referência: o contexto de perseguição em Roma, por volta do ano 64.

2º ponto de referência: a ruína de Jerusalém, destruída pelos romanos, no ano 70 d.C. (cf. Mc 13). Marcos não tem alusões tão precisas como as que se acham em Lucas e Mateus.

Em suma, o evangelho de Marcos deve ter sido escrito entre os anos de 64 e 70, segundo a opinião da maioria dos estudiosos.

Elucidações Complementares

As características literárias de Marcos

Há um modo popular e semítico de se expressar:

“Descobriram o teto por cima... e por uma abertura” (2,4).

“E ensinava-lhes muitas coisas... dizia-lhes na sua doutrina” (4,2).

“Os eleitos, que (Deus) escolheu” (13,20).

Tais repetições, sem dúvida, agradam ao ouvido do semita (ver outras passagens: 5,12; 6,3; 7,13; 14,18) e do povo simples. O narrador conta os fatos por meio de alusões progressivas, levando o ouvinte a perceber e a acompanhar lentamente a cena descrita. Nisso se reflete provavelmente a maneira de o próprio Cristo se comunicar. Como o evangelho deixa entrever, Jesus quase nunca enuncia algo de maneira abstrata com um só termo: utiliza expressões sinônimas e antônimas: “Quando se achou em necessidade e teve fome” (2,25); “E, se Satanás se levanta contra si mesmo está dividido e, não poderá continuar, mas desaparecerá” (3,26).

Realismo e senso do concreto

Marcos tem um vocabulário pobre, mas em compensação é um bom “observador”. Vê as pessoas e as coisas. É concreto e detalhado. Swete, por exemplo, identificou onze termos diferentes para designar a casa e suas partes, dez para os trajes e nove para os alimentos. Menciona frequentemente a quantidade (em 36 passagens aduz números determinados). As pessoas e as coisas quase sempre são numerosas.

Marcos tem uma predileção pelos diminutivos, presentes no original em língua grega, mas nem sempre mantidos nas traduções: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos, debaixo da mesa comem das migalhas dos filhos” (Mc 7, 28), idem em Mt (15, 26-28); “Tinham

também alguns peixinhos” (Mc 8,7), idem em Mt (15,34).

Só Marcos lembra o pai angustiado exclamar insistentemente: “Minha filhinha está nas últimas!” (5,23).

Só Marcos usa o diminutivo para a orelha (*ótarion*) de Malco (14, 47).

A arte de contar

O bom narrador dá tempo ao ouvinte de se recordar do que foi dito.

Em Marcos, a mesma frase volta em várias bocas. Jesus, por exemplo, declara que os pecados são perdoados; em seguida, os escribas pensam em seus corações: “Quem pode perdoar pecados?”; enfim, é o próprio Jesus que ainda retoma a mesma afirmação (Mc 2, 5.7.9) (cf. casos semelhantes em 2,15; 6,31.32.35; 9,11.12.13; 10,38.39; 12,41.44; 15,44.45 e talvez em 16,3-4).

Outra característica do bom narrador é o uso em relevo do termo importante de uma narração.

Um exemplo disso é o emprego de negações duplamente reforçadas: “Não podiam até-lo nem com cadeia... ninguém o podia subjugar...” (Mc 5, 3-4). Em grego, *udé* (nem, e não), *ukéti* (de maneira alguma), *udeis* (ninguém, nenhum, nada): o acúmulo de negações nega mais fortemente.

Mateus só apresenta três casos semelhantes; Lucas, oito; em Marcos, isso é comum: 1,44; 2,2; 3,20.27; 5,37; 6,5; 7,12; 9,8; 11,14; 14,25.60.61; 15,4.5; 16,8.

O termo importante é muitas vezes colocado em primeiro lugar, mesmo se na construção normal da frase ele devesse vir depois, qual um complemento. Trata-se de uma antecipação psicológica que os gramáticos chamam casus *pendens* (inversão dos elementos da frase): “É João, a quem mandei decapitar. Ele ressuscitou!” (6, 16). Cf. também 7,20 e 13,11.

O que dá vida à narração é o uso do presente histórico em lugar do

oristo (pretérito perfeito), tempo clássico da narração. Marcos quase não usa o oristo. O presente aparece em 151 casos, dos quais 72 se referem ao verbo “dizem”. O (pretérito) imperfeito fixa o olhar sobre a ação enquanto se realiza (5,18; 12,41; 14,55), o que é raramente mantido nas traduções (7,17 e 10,17).

O esquematismo dos relatos

Influenciados pela descrição concreta, viva e detalhada de Marcos, poderemos não perceber o esquematismo das suas narrações. Embora o assunto seja diferente, estes dois milagres, por exemplo, são descritos **segundo um mesmo esquema:**

A tempestade acalmada	Um exorcismo
4,39-41	1,25-27
E ele, despertando	Mas Jesus,
repreendeu o vento	intimou-o, dizendo:
e disse o mar:	
“Silêncio! Cala-te!”	“Cala-te, sai deste homem!”
(Efeito da ordem dada:	(Efeito da ordem dada:
bonança no mar)	cura do possesso)
Eles ficaram penetrados de grande	Ficaram todos tão admirados,
temor e cochichavam entre si:	que perguntavam uns
	aos outros:
“Quem é este?”	“Que é isto?”

A mesma comparação pode ser feita entre a cura do cego de Betsaida (8,22-26) e a do surdo-mudo (7,32-36); entre a pregação de Jesus em Nazaré (6, 1-2) e a primeira pregação em Cafarnaum (1,21-22); entre o relato sobre a preparação da última Ceia (14,13.14.16) e o da entrada messiânica em Jerusalém (11,1-6).

Tal esquematismo autorizou Lagrange a tirar uma conclusão: o segundo evangelho possui um mesmo autor. Nós podemos deduzir algo mais:

a existência de um verdadeiro esquema ou arcabouço presente nesses relatos, aliás, tão espontâneos.

São, no dizer de Lagrange, “cenas vivas jogadas no molde de um modo de pensar muito simples, incapaz de variar seus procedimentos”.

Vamos sintetizar nossas conclusões:

1. Marcos não é um estilista, nem mesmo um narrador de grande talento; apresenta-se como um relator fiel e simples, quase ingênuo. Dizemos isso por causa do caráter estereotipado das narrações e por causa da pobreza do seu vocabulário, além de outras características.
2. Ao lado disso, ou melhor, sustentando tudo isso, encontramos esquemas fixos que Marcos não parece ter criado literariamente, mas recebido da comunidade.

O evangelho de Marcos é, pois, o resultado de dois agentes ou fatores importantes: uma testemunha e uma comunidade. Isso nos ajudará a apreciar melhor a composição literária e o valor histórico do segundo evangelho.

A composição literária do evangelho

As supramencionadas características do evangelho de Marcos têm uma dupla explicação: uma testemunha atenta e uma tradição esquemática.

Colocamo-nos agora as seguintes questões: na elaboração do seu evangelho (é o primeiro) terá Marcos utilizado algumas coletâneas já fixadas por escrito? Quais?

Segundo Lc 1,1, muitos haviam tentado compor uma exposição completa e ordenada a respeito de Jesus. Mateus e Lucas, sem dúvida, podem ter se valido de certas fontes escritas. O que dizer de Marcos? Não chegamos ainda a resultados seguros, apenas a conjecturas. No evangelho de Marcos, contudo, ainda são visíveis alguns agrupamentos

reunidos tematicamente:

- Em Mc 2,2-3,6, estão reunidos cinco casos de conflitos:
 - 2,1-12: cura de um paralítico, com a pergunta pelo direito de perdoar pecados;
 - 2,13-17: a vocação de Levi, com a censura de que Jesus é amigo dos pecadores;
 - 2,18-22: a recusa do jejum tradicional;
 - 2,23-28: as espigas arrancadas em dia de sábado com a acusação de violar a lei do sábado;
 - 3,1-6: a cura no sábado, com a mesma acusação.

- Em Mc 4,1-32, acham-se três parábolas do campo (da semente, da semente que cresce por si mesma e do grão de mostarda).

- Em Mc 4,35-5,43, contam-se quatro milagres acontecidos junto ao lago.

- Em Mc 11,27-12,37, estão reunidas doze polêmicas entre Jesus e seus adversários, em Jerusalém.

- Em tais casos, Marcos aproveita coleções já feitas?

Série de sentenças apresentadas em uma sequência mnemotécnica (Marcos já teria encontrado essas sequências?).

9,33-50: com os verbetes “em meu nome”, “escandalizar”, “fogo”, “sal”;

13,4-37: palavras de ameaças e admoestações escatológicas.

- Em Mc 14,1-15,47 há a história da paixão. Aqui, Marcos, sem dúvida, utilizou uma tradição, em grande parte, já formulada (cf. exposição mais detalhada em *Teologia do NT* vol. I, de K. H. Shelkle, pp. 57-59).

Segundo a tradição, o evangelho de Marcos estaria retratando a pregação romana de Pedro. De fato, Pedro é colocado bastante em relevo nesse evangelho.

Marcos e a liturgia

Percebe-se no seu evangelho um eco litúrgico da vida cristã?

Sim. Fala-se do jejum (2,20), da unção dos enfermos (6,13), da oração (9,29; 11,24s), da Eucaristia, seja por ocasião de sua instituição ligada à Páscoa (14,22-25), seja no contexto da multiplicação dos pães (6,41; 8,6 e talvez em 7,25-30 e 8,14-21).

Nada prova que essas recordações não remontem substancialmente a Jesus, muito embora possam ter sido acentuadas em função das conjunturas atuais daquela comunidade.

Marcos e a catequese

No seu evangelho são ainda perceptíveis diversos vestígios catequéticos.

As explicações geográficas (1,9; 11,1); a explicação de nomes aramaicos (3,17.22; 5,41; 7,11.34; 9,43; 10,46; 14,36; 15,22.34) e de costumes judaicos (7,2-4; 15,42): tudo isso reflete um ambiente.

Encontramos, sobretudo, alguns conjuntos estruturados em vista da catequese, tais como as cinco controvérsias (2,1-3,5), as parábolas (4,1-34) ou as discussões sobre as tradições farisaicas (7,1-23); os expedientes mnemotécnicos ligando as frases (4,21-25; 8,34-9,1; 9,37-50; 11,23-25); a estrutura temática englobando as recordações (10,1-31).

Tais indicações testemunham uma elaboração pré-sinótica, cuja responsabilidade recai, em última análise, sobre a comunidade primitiva.

Perspectiva doutrinal de Marcos

Originariamente, 16,9-20 parece não ter pertencido ao evangelho de Marcos. É reconhecido como inspirado, mas não como autêntico, isto é, proveniente de Marcos. O que se põe em dúvida não é a sua canonicidade, mas a sua autenticidade.

Razões:

1. Muitos manuscritos antigos, entre eles o Vaticano e o Sinaítico, omitem o final atual.
2. Em lugar da conclusão atual, certos manuscritos apresentam uma outra conclusão mais curta; outros apresentam os dois finais, o curto e o longo (canônico); outros ainda apresentam um trecho diferente inserido entre os versículos 14 e 15 da conclusão atual.
3. Mateus e Lucas seguem o texto de Marcos até 16,8; em seguida, cada um apresenta a sua própria continuação. Será isso uma prova de que ambos leram o evangelho de Marcos só até 16,8?
4. O trecho final difere do resto do evangelho por particularidades estilísticas e de conteúdo na solução de continuidade entre os versículos 8 e 9. Interrompe-se o desenrolar do relato anterior: as mulheres não realizam a missão que lhes é confiada; “ele apareceu” refere-se a Jesus, que não está mais em cena desde 15,40.

O estilo pouco vivo do final não é de Marcos.

O vocabulário também não.

O trecho final se apresenta como uma espécie de resumo das aparições do **Ressuscitado contidas nos outros evangelhos:**

v. 9-10 = Jo 20,11-18

v. 12-13 = Lc 24,13-35

v. 14-18 = Lc 24,36-49

v. 15 = Mt 28,18-20

v. 19 = Lc 24,50-53

v. 17-20 = alusões aos fatos de Atos (1,4-11)

Conclui-se que o trecho final de Marcos supõe esses três evangelhos. Eis aí a mais antiga “harmonia evangélica” entre as muitas que foram compostas.

Esse resumo não apresenta nenhum elemento novo para um conhecimento melhor de Cristo e dos acontecimentos logo após a Ressurreição.

5. A autenticidade do trecho final, embora conhecido desde o século II, foi colocada em dúvida por certos Padres da Igreja.

O que dizem os estudiosos modernos?

Para os que estranham o fato de o evangelho acabar abruptamente no versículo 8, haveria uma explicação: o final perdeu-se muito cedo (como facilmente acontece com as primeiras e últimas páginas de um livro ou de um rolo) e foi substituído por outra conclusão.

Para outros, Marcos quis concluir o seu evangelho em 16,8 com a observação: “pois estavam com medo”. Nesse caso, o evangelho concluiria com o testemunho do poder imenso de Deus, que faz o homem estremecer e calar, poder este que se manifestou na ressurreição de Cristo.

Por outro lado, é um tanto difícil admitir que o evangelho terminasse com o versículo 8, porque a catequese parecia apresentar sempre os relatos das aparições.

“Na realidade, não sabemos se o autor do livro havia redigido uma conclusão e se, neste caso, relatava alguma aparição do Ressuscitado ou se lhe pareceu suficiente remeter os seus leitores à conhecida tradição das aparições na Galileia (cf. 16,7)” (TOB).

Como sabemos que Marcos é o autor do 2º evangelho ?

Os títulos atuais dos evangelhos não figuravam desde o início nos

manuscritos. Como sabemos, então, que o autor do 2º evangelho foi realmente Marcos?

De uma maneira concisa, toda a tradição declara que Marcos é o autor desse evangelho. E não há razão para que tivesse sido considerado com essa unanimidade se a tradição a esse respeito não fosse verdadeira, ainda mais que Marcos nem apóstolo foi.

Apresentamos aqui três exemplos, entre outros, dessa tradição:

1. O mais antigo remonta a Pápias, um escritor cristão que viveu por volta de 150 d.C. ou pouco antes. Eis o seu testemunho bem mais longo, do qual apresentamos apenas a primeira parte: “O presbítero (João) dizia isto: Marcos, intérprete (*hermeneutés*) de Pedro, escreveu com exatidão, mas sem ordem, tudo aquilo que recordava das palavras e ações do Senhor...” (testemunho conservado em Eusébio, *Hist. Eccl.*, III, 39-15).
2. Pelo ano 180, Irineu deixou este testemunho: “Após a morte deles (de Pedro e de Paulo), Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, também ele nos transmitiu por escrito o que havia sido pregado por Pedro” (Adv. Haer. III, 1,1).
3. Os mais antigos *Prólogos latinos*, que remontam provavelmente ao século II, confirmam a notícia de Irineu: “Após a morte de Pedro (Marcos) escreveu este evangelho quando se encontrava na Itália”. A lembrança de um Marcos “com o dedo cortado” (*colobodaktylus*) foi conservada pela tradição romana: Hipólito e o *Prólogo Antimarcionista*.

Quando a tradição é tão unânime, não temos razões para não atribuir esse evangelho a Marcos, a respeito de quem temos, felizmente, muitas outras informações.

Síntese

A primeira frase do evangelho de Marcos anuncia duas teses cristológicas que constituem a estrutura do seu evangelho.

Princípio da Boa-Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus.

As duas teses dividem o evangelho em duas partes. O capítulo 8 é para provar que Jesus é o Cristo, o Messias esperado pelos judeus. Os capítulos 8 a 15 são para provar que Jesus é Deus. Eis o esquema das duas teses:

Primeira tese: Jesus é o CRISTO (Mc 1,1).

Depois de anunciar que Jesus é o Cristo, a palavra “Cristo” nunca mais é mencionada nos 8 primeiros capítulos. Mas toda a dinâmica desses capítulos é uma preparação progressiva para provar a tese do messianismo de Jesus. Por fim, no capítulo 8,29, Jesus pergunta aos discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Pedro responde: “Tu és o Cristo”. Está provada a primeira tese.

A partir de 8,31 Jesus começa a revelar o mistério de sua divindade. Todos os capítulos seguintes, 8,31 e 15,39, são uma longa exposição para provar a segunda tese: Jesus é o Filho de Deus. Mc 15,39: “O centurião que estava diante de Jesus, ao ver que ele tinha expirado assim, disse: ‘Este homem era realmente Filho de Deus’”. Está provada a segunda tese cristológica de Marcos.

I - MISTÉRIO DO MESSIAS: 1,1-8,30		
	PRÓLOGO: Tese. Batismo. Tentação	1,1-13
A	Jesus e as multidões	1,14-3,6
a)	Introdução	1,14-20
	1. Sumário da pregação de Jesus	1,14-15
	2. Vocação dos primeiros discípulos	1,16-20
b)	Autoridade de Jesus	1,21-3,5
	1. Ensinando e curando	1,21-45
	2. Disputando com os fariseus	2,1-3,5

c)	Conclusão: a conspiração dos fariseus	3,6
B	Jesus e os seus	3,7-6,6
a)	Introdução	3,7-19
	1. Sumário dos milagres de Jesus	3,7-12
	2. Instituição dos Doze	3,13-19
b)	Jesus se aparta das multidões	3,19-5,43
	1. A verdadeira família de Jesus	3,31-35
	2. Pregação em parábolas	4,1-34
	3. Milagres	4,35-5,43
c)	Conclusão: Jesus é rechaçado por seus companheiros	6,1-6
C	Jesus e seus discípulos	6,6-8,33
a)	Introdução	6,6-34
	1. Sumário	6,6
	2. Missão e regresso dos discípulos	6,7-13,30
	3. Interlúdio: opiniões acerca de Jesus	6,14-16
	4. Interlúdio: morte de João Batista	6,17-29
b)	Seção dos pães	6,31-8,26
	1. Os 5000. Consequências	6,31-7,37
	2. Os 4000. Consequências	8,1-13
c)	Conclusão: Cegueira dos discípulos	8,22-26
d)	Apêndice: O cego de Betsaida	8,22-26
	Conclusão: Confissão de Pedro: és o Khristós	8,27-30
II - MISTÉRIO DO FILHO DO HOMEM = FILHO DE DEUS: 8,31-16,20		
A	Os métodos do Filho de Deus	8,31-10,32
a)	Primeira predição da paixão e suas consequências	8,31-9,29
	1. Primeira predição	8,31-32a
	2. Incompreensão dos discípulos	8,32b.33
	3. Instrução sobre a condição de discípulo	8,34-9,1
	4. Complementos	9,2-29
b)	Segunda predição da paixão e suas consequências	9,30-10,31
	1. Segunda predição	9,30-31
	2. Incompreensão dos discípulos	9,32-34
	3. Instrução	9,35-37
	4. Complementos catequéticos	9,38-10,31
c)	Terceira predição da paixão e suas consequências	10,32-52
	1. Terceira predição	10,32-34
	2. Incompreensão de Tiago e João	10,35-40
	3. Instrução sobre a grandeza	10,41-45
d)	Apêndice: Cura de Bartimeu	10,46-52

B	Jesus em Jerusalém	11,1-13,37
a)	Julgamento em ação	11,1-26
b)	Julgamento em palavras	11,27 - 12,37a
c)	Conclusão: Advertência de Jesus contra os fariseus	12,37b-40
d)	Apêndice: O óbolo da viúva	12,41-44
e)	O discurso escatológico	13,1-37
C	Paixão e ressurreição de Jesus	14,1-16,8
a)	Unção em Betânia	14,1-11
b)	Última Ceia	14,12-25
c)	Getsêmani	14,26-42
d)	Prisão de Jesus	14,43-52
e)	Julgamento e crucificação de Jesus	14,53-15,41
f)	Confissão do centurião: O FILHO DE DEUS	15,39
g)	Sepultura e unção de Jesus	15,42-47
h)	O túmulo vazio. Aparições do ressuscitado	16,1-20

ESTUDO DO LIVRO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS



João, o Batista (Mc 1,1-8). O primeiro versículo é um prólogo no qual Marcos indica as chaves de sua obra. A expressão “princípio” assinala não só o início da obra, mas também uma nova etapa na história da salvação (NT). O evangelho se apresenta como uma boa e alegre notícia, por isso mesmo, por trás dos relatos mais cruéis, deve-se buscar uma mensagem de salvação. O centro do evangelho é a pessoa de Jesus, que é apresentada não como “o pregador do evangelho, mas sim como o tema do evangelho pregado”. O título Filho de Deus sucede no início (v.1) e no final (15,39), à maneira de inclusão ou marco que encerra todo o quadro do relato evangélico.

Marcos recorda a profecia que anuncia os tempos messiânicos (vv.2-4). Embora o trecho da citação seja atribuído a Isaías, a primeira parte (v.2b) é tomada de Ex 23,20 e de Ml 3,1. A segunda parte (v.3), essa sim, é de Is 40,3. O caminho tem aqui sentido de êxodo-libertação e o deserto, de consciência e preparação.

João é o anjo mensageiro (v.2). A palavra batismo significa originalmente “submergir”. Pelo batismo, o pecado do homem ou da mulher é submergido e purificado na água, e assim podem levantar-se e mudar de vida. A forma de vestir e de se alimentar identifica João como profeta (Zc 13,4).

Muitos confundiam João Batista com o Messias. Marcos quer deixar

claro o papel profético de João e o papel messiânico de Jesus (v.7s). João só pode batizar com água (exteriormente); em troca, Jesus batiza com o espírito. O batismo do espírito exige uma mudança a partir de dentro, da consciência, que se revela depois na vida pessoal e comunitária.

Batismo de Jesus (Mc 1,9-11). É significativo no texto o papel principal exercido pela Trindade. Jesus se batiza, não para o perdão de seus pecados, e sim para confirmar a doação de sua vida para que os pecadores alcancem o perdão e a salvação. O céu se abre porque o pecado de Israel o havia fechado (cf. 15,37). A vinda do Espírito Santo confirma a reabertura da comunicação entre o céu e a terra, entre Deus e a humanidade. Deus revela diante do mundo a identidade de Jesus, é seu Filho querido e muito amado (cf. Is 42,1; Sl 2,7). Todos os outros são falsos messias.

Jesus colocado à prova (Mc 1,125). O Espírito que leva Jesus para o deserto é o mesmo que recebeu do Pai no batismo. O deserto é lugar e tempo de decisões. Opta-se por Deus ou pelo mal. Jesus confirma sua opção pelo projeto de Deus em claro contraste com a opção que Adão tomou no AT. Os quarenta dias recordam as provas sofridas por Moisés (Ex 34,28) e Elias (1Rs 19,8). Satanás fazia parte da corte de Deus e atuava como fiscal (Jó 1s; Zc 3,1s) ou como um adversário que comanda a oposição a Deus (Ap 12,7s). Aqui é apresentado como tentador que busca mudar a opção de Jesus e impedir os planos de Deus. Jesus chamará de Satanás o apóstolo Pedro (8,33) por tentar impedir seu projeto.

Na Galileia (Mc 1,145). Esta breve passagem conclui a introdução (vv.1-13) e dá início a uma nova etapa do evangelho. Com quatro verbos (“completar-se”, “estar próximo”, “fazer penitência” e “crer”) Jesus sintetiza seu plano missionário.

João termina sua atividade e dá passagem à de Jesus. Proclamar ou

pregar é chave no modelo pedagógico de Jesus. Cumpru-se o tempo que indica a decisão de Deus de atuar e inaugurar uma nova etapa na história da salvação. O Reino de Deus não é um lugar e sim uma experiência de vida sob os parâmetros do projeto de Deus (vida, justiça, solidariedade, fraternidade, paz...). A presença de Jesus faz próximo o Reino de Deus. Arrepende-se significa mudar de rumo e voltar para Deus, que neste caso é crer na Boa- Nova de Jesus.

Chama os primeiros discípulos (Mc 1,146-0). Jesus chama “outros” para dar sentido comunitário à sua missão. Sem comunidade, não existe reino. Tradicionalmente os discípulos buscam seu mestre. Aqui é Jesus quem toma a iniciativa e chama os que ele quer, por seu nome, em um lugar e uma realidade concretos. Faz deles pescadores de homens, uma metáfora que dá sentido universal à missão e indica que não muda a profissão, mas os cenários e destinatários. A vocação não é só chamado e resposta, é, sobretudo, deixar (conversão), seguir (compromisso) e aderir (fé) ao projeto de Jesus.

O endemoninhado de Cafarnaum (Mc 1,147-8). Cafarnaum é uma aldeia de pescadores situada ao norte do lago da Galileia. Enquanto os mestres da lei apoiam seu ensinamento na lei, Jesus o apoia em sua autoridade. A presença do espírito do mal sobre um homem simboliza a sociedade judaica. A sinagoga e os escribas, que deveriam liderar o combate contra o mal, não podem fazê-lo, porque muitos perderam toda autoridade (incoerência, cegueira e corrupção, cf. Mt 23,1-7). Jesus, em troca, derrota o mal sem atenuantes porque o acompanha uma autoridade que vem de Deus e que é capaz de libertar (êxodo) e reconstruir o Reino de Deus (terra prometida).

Curas - Oração e pregação de Jesus (Mc 1,148-9). A sogra de Pedro simboliza a situação de exclusão que as mulheres anciãs e doentes

sofriam. Os discípulos servem de mediadores perante Jesus como um ato de solidariedade com o necessitado. Com três verbos Jesus indica o melhor caminho para relacionar-se com o oprimido: aproximar-se, tocá-lo e levantá-lo (v.31). Jesus espera que quem for curado, levantado e libertado, se coloque a serviço da causa do reino. O serviço é parte da identidade cristã.

As curas estendem-se a todos os que chegam e mostram um Jesus que passa da palavra a uma prática que liberta enfermos e endemoninhados. Jesus ensina a importância da oração ao começar toda a jornada missionária. Por que todos buscam Jesus? Pelos milagres ou porque querem aderir a seu projeto? Jesus sabe que um entusiasmo popular baseado só nos milagres e não na ideia de Reino de Deus falsifica sua missão. Os milagres são expressão de solidariedade e libertação e não um simples espetáculo.

Cura de um leproso (Mc 1,149-5). O leproso era um morto vivo, isolado, desprezado e condenado a permanecer longe dos outros e de Deus. O leproso não podia se aproximar de Jesus, mas o faz; Jesus não podia deixá-lo aproximar-se, mas deixa que o faça. Ambos transgridem a lei (Lv 5,3; Nm 5,2). A fé do leproso e o amor de Jesus tornam realidade a Boa-Nova. Novamente, três verbos mostram a ternura e a proximidade de Jesus com os marginalizados: compadecer-se, estender a mão e tocar. Jesus não se conforma em estar próximo, e sim passa a transformar a realidade da marginalização proporcionando a cura ao leproso. Apesar da proibição, o leproso se transforma em um evangelizador que propaga a imagem de Jesus. A proibição de divulgar o que aconteceu é conhecida como “segredo messiânico”, uma forma de dizer que o projeto de Jesus poderá ser compreendido corretamente depois de sua morte e ressurreição.

Cura um paralítico (Mc 2,1-12). Marcos reúne em um só bloco (2,1-3,6) cinco controvérsias com os mais fortes opositores de Jesus

e das primeiras comunidades cristãs (escribas, fariseus, discípulos de João, herodianos). A boa notícia que alegra os marginalizados assusta as autoridades religiosas e políticas.

Nesta passagem Marcos reúne uma tradição de milagre e outra de controvérsia. O texto destaca a solidariedade e a fé de quatro amigos e um paralítico, que a todo custo procuram se aproximar de Jesus. Os obstáculos insinuam o que as comunidades cristãs precisarão superar para não se deixar afastar de Jesus. Por que antes de curar o paralítico Jesus lhe perdoa os pecados? A razão é simples: para nada servem ao reino as pessoas, as famílias, os povos, saudáveis por fora, ao passo que por dentro sua consciência continua enferma pela cobiça e pelo egoísmo. Jesus busca que o paralítico não só tenha seus pés saudáveis, mas tenha uma consciência e uma vida novas.

Chama Levi: compartilha a mesa com pecadores (Mc 2,13-17).

Os arrecadadores de impostos ou publicanos eram considerados renegados religiosa e politicamente falando e, portanto, pecadores e impuros. Com o chamado de Levi, Jesus rompe as barreiras da lei e faz realidade a universalidade do Evangelho. O levantar-se, depois de estar sentado, representa a ruptura que faz Levi em relação a seu passado e o compromisso que assume com uma nova vida. A casa é símbolo da nova comunidade (banquete messiânico) da qual fazem parte os chamados. Jesus é o centro da comunidade. Os escribas dos fariseus pensavam que os publicanos não podiam ser salvos porque não sabiam quanto haviam roubado, e portanto, quanto deviam restituir. Jesus, em troca, médico de Deus, promulga que, quando existe mudança de consciência e de vida, todos são convidados ao banquete do reino.

Sobre o jejum (Mc 2,18-22). De um banquete passamos para o jejum. Os adversários são agora os discípulos de João e os fariseus. Embora a

lei exigisse um dia de jejum anual (Lv 16,29), a ansiedade de perfeição dos fariseus levou-os a jejuar duas vezes por semana (Lc 18,12). Jesus não nega o jejum; só que não é preciso praticá-lo quando estamos de maneira festiva celebrando um novo pacto de amor, uma nova aliança entre Jesus (noivo) e seu povo (cf. Jo 3,29; 2Cor 11,2; Ef 5,32; Ap 19,7; 21,2). No AT é comum a apresentação de Deus como o esposo de Israel (Os 2,19; Is 54,4-8; 62,4s; Ez 16,7-63). Quando o noivo for assassinado por aqueles que não suportam a alegria de sua Boa-Nova, então poderão jejuar. O projeto de Jesus, que procura transformar a consciência do povo a partir do amor, não se enquadra com o modelo religioso e político dominante em Israel.

O sábado (Mc 2,23-28). A lei permitia acalmar a fome cortando espigas ao passar por um campo plantado, menos em dia de sábado (Ex 34,21; Dt 23,26). Os discípulos que aprenderam de Jesus a liberdade perante a lei são agora acusados pelos fariseus de violar a observância do sábado. Jesus, no melhor estilo dos escribas, responde aos fariseus recorrendo à Escritura (1Sm 21,1-7), para discernir quando uma lei é libertadora ou opressora. O critério é o ser humano. Nenhuma lei, palavra ou ação que oprima, marginalize ou exclua o ser humano pode ter o apoio de Deus.

O homem da mão paralisada (Mc 3,1-6). Ao encerrar esse ciclo de controvérsias, Jesus ratifica a seus adversários que os excluídos por uma falsa interpretação da lei são convidados a colocar-se no centro. Jesus poderia ter esperado o dia seguinte para executar a cura e assim evitar problemas; não obstante, a opção pela vida e pelos pobres é inadiável e é preciso assumi-la mesmo com o risco de perder a própria vida. O poder político (herodianos) e o poder religioso (fariseus) unem-se para optar e planejar a morte de Jesus. A dureza de coração e o silêncio cúmplice

fazem que os poderosos continuem solucionando os conflitos mediante a violência, própria da descendência de Caim.

A multidão segue a Jesus (Mc 3,7-12). Esta passagem é um resumo ou síntese da atividade de Jesus. Os seguidores multiplicam-se. A missão se torna universal. Os doentes continuam sendo curados. Os espíritos imundos reconhecem em Jesus sua filiação divina e seu poder sobre o mal. Afirma-se a ordem de manter silêncio (segredo messiânico).

Os doze apóstolos (Mc 3,13-19). A montanha simboliza o lugar privilegiado para o encontro com Deus (cf. Ex 19,20; 24,12; Nm 27,12; Dt 1,6-18). Jesus chama os que ele quer, deixando claro que daí em diante não se pertence ao novo povo de Deus devido à origem étnica (ser israelita), e sim pelo chamado e seguimento de Jesus. O número doze simboliza o novo povo de Deus, assim como as doze tribos de Israel representavam o antigo povo de Deus (Ex 24,4). O chamado tem duas finalidades: fazer comunidade e ser missionário. As pequenas comunidades, que afortunadamente se multiplicam a cada dia, são lugares privilegiados para viver o seguimento e a missão de Jesus. Os três primeiros apóstolos recebem um novo nome que implica uma nova personalidade, e serão as testemunhas de exceção em momentos especiais da missão de Jesus: cura da filha de Jairo, transfiguração e Getsêmani.

Seus parentes o buscam - Jesus e Satanás (Mc 3,20-30). A iniciativa de “criar” um novo povo de Deus vai de encontro a reações diferentes. A multidão a apoia e decide seguir Jesus. Um grupo menor e próximo de Jesus, que inclui seus familiares e irmãos de raça, recusam-na por acreditar que com ela se rompe com os valores e as instituições do judaísmo. No início de sua missão, Jesus choca-se com a incompreensão de sua família, situação que se irá superando gradualmente. Os terceiros a reagir são os doutores da lei de Jerusalém, que, recorrendo à pedagogia da calúnia e

da difamação, afirmam que o poder de Jesus não provém de Deus, mas sim de Belzebu ou Satanás. Através de comparações, Jesus deixa claro duas coisas: que seu poder vem de Deus e que são os doutores da lei os verdadeiros blasfemos e cúmplices de Satanás. O pecado contra o Espírito não tem perdão porque significa negar o “sopro” de vida de Deus para a humanidade.

A mãe e os irmãos de Jesus (Mc 3,31-35). Jesus aproveita a visita de sua família para ensinar algo fundamental: não podemos ser sovinas com o reino agarrando-nos somente a uma família. É preciso abrir-se para novas famílias e para novas comunidades. A verdadeira família de Jesus ultrapassa as fronteiras biológicas e étnicas, e constituem-na todos os homens e as mulheres que cumpram uma cláusula de pertença: fazer a vontade do Pai. Não se é cristão por tradição ou por herança, mas por opção e testemunho de vida.

Parábola do semeador (Mc 4,1-20). Apesar de Jesus ser visto por seus adversários como um perigo social, a multidão o segue porque vê nele o libertador prometido. O problema é que esperam um libertador nacionalista, guerreiro militar e monárquico. Jesus, em compensação, é um libertador universal não nacionalista, que luta a partir da consciência e não pelo caminho militar, e que baseia seu reino no amor e na justiça.

A multidão quer só uma libertação exterior; Jesus propõe primeiro uma mudança interior, a partir da consciência e do coração. Não existem sociedades novas sem homens e mulheres novos. Na parábola, Jesus é o semeador, a semente é a Palavra e o terreno é o povo. É preciso ter um terreno bem preparado, para que ao receber a semente se renove o interior e se tome consciência da exigência da Palavra, de maneira que, quando crescer, transforme as realidades externas. Na explicação da parábola (vv.14-20), Jesus define as quatro possíveis disposições do ser

humano perante a Palavra de Deus. Qual é a nossa?

As parábolas são comparações que tornam mais amena e compreensível a mensagem. Não obstante, a compreensão pode tornar-se emaranhada, dependendo do lugar em que nos situemos: fora ou dentro com Jesus. Os que estão fora interpretam a mensagem com os parâmetros do projeto do mal; os de dentro, a partir do projeto de Deus. Isso foi o que exatamente aconteceu com os doutores da lei na passagem anterior. Reconheciam que Jesus tinha poder, mas atribuíam-no a Satanás. Por mais que vissem e escutassem, não mudavam sua atitude. A única maneira de entender os segredos do reino é deixar de estar fora e situar-se dentro dele, no círculo de Jesus.

Outras parábolas e comparações (Mc 4,21-34). A lâmpada (vv.21s), símbolo da luz, representa a Boa-Nova que deve ser proclamada sem medo, “dentro do tempo e fora do tempo”, para que toda a humanidade se beneficie com sua luminosidade. Esta Palavra, que os inimigos do projeto de Deus haviam escondido e ocultado, agora é revelada por Jesus.

Os que têm a possibilidade de escutar esta boa notícia devem colocá-la em prática (vv.24s); caso contrário, irão empobrecendo até se transformarem em mendigos da Palavra.

Dois parábolas para explicar o Reino de Deus (vv.26-34). Ambas coincidem em salientar a insignificância da semente e a abundância da colheita final. A primeira dá ênfase à força vital que a semente do Reino de Deus possui, que vai crescendo por etapas e subindo para o céu. O homem que havia sido personagem central na semeadura volta a sê-lo na colheita, ratificando assim seu compromisso de colaborar com Jesus no anúncio do Reino de Deus.

A segunda parábola propõe a diferença entre o Reino de Deus e os reinos deste mundo. O Reino de Deus baseia seu poder no que é pequeno,

no amor, na solidariedade, na misericórdia etc. A partir dessas pequenas comunidades ou organizações vai se tornando realidade o Reino de Deus.

A tempestade acalmada (Mc 4,35-41). Seguindo a linha universal do anúncio, Jesus se dirige para a terra dos pagãos. Na tradição judaica, o mar era símbolo do mal. O vento furioso é obra dos espíritos do mal para impedir que o Reino de Deus chegue aos povos pagãos. Por um momento, conseguem diminuir a fé dos discípulos. Como se estivesse expulsando um demônio, Jesus ordena ao mar e ao vento que se acalmem. Depois censura a falta de fé dos discípulos, pondo em evidência o muito que lhes falta aprender. A última pergunta supõe que Jesus é Deus, pois era o único capaz de dominar o mar (Sl 106,23-32).

O possesso de Gerasaré (Mc 5,1-20). Não são mencionados os discípulos; provavelmente sua falta de fé ou de credibilidade na universalidade do Evangelho os mantém à distância. O geraseno não só está possuído e escravizado por um espírito imundo, mas seus irmãos também o tratam como um escravo. O sepulcro indica que é um homem “morto” para a comunidade. Espíritos imundos, escravidão, morte e impureza (porcos) simbolizam a situação do mundo pagão dominado pelo maligno. O endemoninhado rechaça as pessoas do seu povo; não obstante, procura a todo custo aproximar-se de

Jesus, em quem reconhece sua filiação divina e seu poder. O Reino de Deus, que se manifesta no poder de Jesus contra os espíritos do mal, e no milagre como ato supremo de solidariedade, chega também ao mundo pagão. Todavia, o povo, em vez de se alegrar pela vida do irmão que foi resgatado do sepulcro, preocupa-se com a perda dos porcos, a ponto de pedir a Jesus que se afaste de seu território. Por isso, Jesus pede ao geraseno que fique em sua região para que anuncie a Boa-Nova que o mundo pagão continua sem entender.

Duas curas de mulheres (Mc 5,21-43). Enquanto os gerasenos pedem a Jesus que saia do seu território, o chefe da sinagoga lhe suplica que entre em sua casa. Jairo representa os membros das autoridades religiosas que reconhecem que sua instituição perdeu o horizonte da vida e vão procurá-la em Jesus, que não só a tem, mas que a dá em abundância. A lei sem o horizonte da vida perde seu sentido; por isso, nem Jairo nem a mulher duvidam em violá-la; o primeiro quando se aproxima do homem que seus colegas excomungaram como herege, e a mulher com hemorragia quando toca Jesus, algo proibido estritamente pela lei (Lv 15,19-31).

A mulher procura ocultar o milagre diante da multidão, porque sabe que poderiam maltratá-la ao tomarem conhecimento de que estando impura permaneceu entre eles. Jesus, não obstante, faz com que ela se torne visível e felicita a mulher porque compreendeu a fé como uma força de vida que a liberta de doze anos de morte e de marginalização.

A filha de Jairo também morre depois de doze anos de vida. A fé de Jairo faz com que Jesus retome o caminho para sua casa. A multidão não é convidada a entrar porque com seu riso manifesta sua falta de fé (cf. Gn 17,17; 18,12). A fé do chefe da sinagoga, unida ao amor de Jesus pela vida, permite à menina levantar-se da morte. O fato de que a menina comece a caminhar é um sinal de liberdade enquanto tem a possibilidade de começar um novo caminho. Tanto a mulher como a menina simbolizam o antigo povo de Deus (doze tribos) escravizado por leis de morte, que é convidado a se converter no novo povo de Deus governado pela vida.

Na sinagoga de Nazaré (Mc 6,1-6). A fé de Jairo e da mulher contrasta com a falta de fé dos nazarenos. Jesus volta para a sua terra natal. O povo se admira de sua sabedoria, mas não o aceita por causa de sua

origem familiar e popular. Não podem acreditar que Deus se manifeste no humilde e no cotidiano. Acima da rejeição de seus concidadãos, Jesus manifesta sua dimensão profética, uma espiritualidade que identifica todos os que lutam pela justiça em favor dos pobres e anuncia o julgamento de Deus aos que oprimem o povo.

Na língua semita, a palavra “irmãos” tem um sentido mais amplo e pode referir-se à família extensa ou a todo o clã. Os discípulos aprendem uma importante lição, visto que quando se espera encontrar apoio, participação, solidariedade, pode acontecer que se encontrem inúmeros obstáculos. Mas, apesar de tudo, o anúncio do reino deve continuar.

Missão dos doze apóstolos (Mc 6,7-13). Os discípulos passam para uma nova etapa em sua formação missionária. O mestre não será Jesus, e sim a comunidade à qual são enviados. Ir de dois em dois é sinal de igualdade e apoio mútuo. Para que não se sintam superiores aos outros, devem levar o estritamente necessário; por exemplo, uma só túnica, porque levar duas era sinal de riqueza. O testemunho de pobreza, de simplicidade, de inserção na realidade, de respeito à cultura e atenção às necessidades do povo, deve despertar entre o povo uma solidariedade que garanta o sustento digno dos missionários. Onde não se manifestar essa solidariedade é preciso sacudir o pó das sandálias, que é o que faziam os judeus ao sair de terras pagãs.

Morte de João Batista (Mc 6,14-29). Pela primeira vez Jesus está sozinho e não é o personagem principal da narrativa. O tetrarca Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, confunde Jesus com João Batista ressuscitado. Muitos dirigentes no mundo continuam confundindo Jesus com um deus feito sob a medida de seus interesses. A descrição do martírio de João mostra a crueldade a que chegam os poderosos para tapar a boca da consciência crítica dos profetas de todos os tempos. Também é um

sinal de aviso a respeito do que aguarda Jesus, os discípulos e todos os que tomam a sério a opção pela vida como base fundamental do Reino de Deus. Jesus separa seus discípulos da multidão para evitar que caiam na tentação triunfalista de o proclamar rei ou messias de um movimento nacionalista, excludente e violento.

Dá de comer a cinco mil (Mc 6,30-45). Pela primeira e única vez aparece neste evangelho o título de apóstolos (apóstolo significa enviado). Marcos prefere falar de discípulos (48 vezes). Depois de cada missão é necessário dedicar tempo aos relatórios, à avaliação, ao descanso, mas, sobretudo, a ficar junto de Jesus para recuperar as forças. A compaixão-misericórdia não se detém em palavras, mas busca alternativas. A expressão “ovelhas sem pastor” (Nm 27,17; 1Rs 22,17) ratifica a crítica de Jesus aos dirigentes religiosos e políticos de Israel que dispersam e extraviam seu povo (Is 56,9-12; Jr 50,6; Ez 34).

Diante da pergunta, que fazer com a multidão?, os discípulos propõem o verbo “despedir”, que implica despachar o povo, enquanto que Jesus propõe o verbo “dar”, que compromete à solidariedade. Quando se dá com espírito solidário não se busca a submissão ou a humilhação do irmão, e sim sua liberdade. A multidão tem cinco pães mais dois peixes. O número sete significa totalidade; portanto, o que existe vai ser distribuído para todos. Como bom-pastor que recolhe as ovelhas desgarradas, Jesus manda assentar-se sobre a erva verde (Sl 22,2). Em Israel comer sentado é próprio de homens e mulheres livres. Com a multiplicação dos pães, Jesus inaugura um novo êxodo com um novo maná, demonstrando que onde existe solidariedade o pão da Palavra e o pão material dão para todos. Seus gestos e palavras (abençoar, partir, dar e repartir) antecipam o banquete eucarístico (14,22). O que sobra é preciso colocá-lo em comum para que a espiral da solidariedade continue se multiplicando. Os doze

cestos simbolizam o novo povo de Deus.

Caminha sobre a água (Mc 6,46-52). Pela segunda vez Jesus se retira para o monte a fim de orar (3,13). A barca e o cansaço por causa do vento contrário simbolizam a comunidade de discípulos que crê e ama Jesus, mas que não consegue entender sua mensagem. Por isso não reconhecem Jesus quando se aproxima, pois só veem Jesus homem e não Jesus Deus. Na tradição judaica só Deus tinha o poder de dominar o mar (Sl 71,8). As palavras de Jesus “Sou eu” identificam-no com o Deus libertador do Êxodo (Ex 3,14).

Curas em Genesaré (Mc 6,53-56). Neste novo sumário ou síntese (1,32-39; 3,7-12), o evangelista realça a caminhada missionária de Jesus que procura as pessoas de povoado em povoado, e a fé do povo que procura se aproximar de Jesus para encontrar alívio em suas dores e em suas exclusões.

A tradição - A verdadeira pureza (Mc 7,1-23). Jesus não pretende desconhecer as tradições culturais de seu povo; só procura combater o conceito legalista de pureza que discrimina e exclui os enfermos, os pobres, as mulheres e os pagãos. Os discípulos não cumprem as normas de pureza porque já haviam começado a libertar-se de leis que escravizam e não estão a serviço da vida (2,18.23s). Jesus responde à crítica dos doutores da lei e fariseus recorrendo, em primeiro lugar, à Escritura (vv.6-8), em que a tradição profética condena a hipocrisia do culto sem justiça e de crentes da Palavra sem coerência de vida (cf. Is 1,10-18; 29,13;

(Mc 58,1-12; Jr 7,1-28; Am 5,18-25; Zc 7). Em segundo lugar, Jesus se baseia em fatos da vida cotidiana (vv.9-13) para desmascarar as trapaças dos que controlam a lei para manipular a Palavra de Deus; por exemplo, com a prática do corban (oferenda, dom), que consistia em que, se um filho declarasse que uma propriedade ou certa quantidade de dinheiro

estava destinada a Deus, ficaria isento do mandamento que o obrigava a cuidar dos pais. A Deus não agradam as oferendas que são fruto da injustiça. Voltando ao tema da pureza, Jesus liberta os cristãos desta prática, porque, se Deus tudo criou puro, nada do que existe na criação é impuro. É o coração e as ações do ser humano que fazem que algo seja bom ou mau aos olhos de Deus. Segundo a tradição evangélica, o que torna pura uma pessoa é o amor, a solidariedade, a justiça, a misericórdia, a entrega aos outros. O contrário, como os treze vícios que Marcos apresenta (vv.21-23), e muitos outros, são os que contaminam o ser humano e a sociedade.

A mulher cananea (Mc 7,24-30). Para Marcos, que evangeliza no meio de pagãos, interessa salientar a atividade de Jesus entre os não judeus. Os planos missionários de Jesus visavam em uma primeira etapa à evangelização do mundo judeu. Todavia, uma mulher, pagã por sua religião e siro-fenícia por sua nacionalidade, com uma fé simples e firme, consegue que Jesus mude seus planos permitindo que a novidade do Evangelho também chegue à casa dos pagãos. Notemos que a mulher chama Jesus de “Senhor”, é a única vez que aparece este título em Marcos, reconhecendo-o não só como taumaturgo, mas como salvador. A expressão “cães” era comum entre os judeus para se referir aos pagãos. Ao voltar para sua casa, a mãe descobre que a Palavra de Jesus e sua fé haviam devolvido a vida para sua filha.

O surdo-mudo (Mc 7,31-37). A novidade do Evangelho continua no território estrangeiro, desta vez na Decápole. O surdo-mudo simboliza a atitude fechada do mundo pagão diante do projeto de Deus: surdo para escutá-lo e mudo para proclamá-lo. A cura do surdo-mudo ratifica a atitude dos pagãos que pouco a pouco abrem seus ouvidos para a Palavra de Deus.

Dá de comer a quatro mil (Mc 8,1-10). Marcos traz um segundo relato da multiplicação dos pães, muito parecido ao anterior (6,34-44), especialmente em suas duas chaves de leitura: a compaixão e a solidariedade. Por que outro relato? Provavelmente quer dar ao segundo relato um contexto pagão para confirmar a universalidade do Evangelho. Com efeito, diferentemente do primeiro, este acontece em território pagão. Os números que predominam não são o cinco e o doze, e sim o sete que evoca, no AT, uma referência às nações pagãs (Dt 7,1) e o quatro (quatro mil) que simboliza o mundo inteiro nos quatro pontos cardeais. A novidade é constituída pelo número três, que na Bíblia exprime o tempo esperado para a manifestação de Deus (Gn 22,4; Ex 19,16; Js 1,11; Os 6,2; Lc 24,7; Jo 2,1 etc.). A outra diferença fundamenta-se na oração de Jesus; primeiro “abençoa” e depois “dá graças”, típico do helenismo.

O sinal celeste - Cegueira dos discípulos (Mc 8,11-21). Os fariseus pedem a Jesus um sinal. Jesus aproveita a ocasião para ensinar que os sinais ou milagres são ações de solidariedade e não espetáculos rotineiros, que os milagres não pretendem comprar a fé do povo e que uma fé dependente dos milagres gera crentes sem compromisso. Em uma palavra, a fé não pode depender dos milagres; ao invés, os milagres sim é que dependem da fé.

O fermento (v.15) é aqui sinal negativo de fermentação que faz crescer o pão da incompreensão e da incredulidade, típico dos fariseus e dos herodianos (cf. 3,6). A controvérsia se transfere, pois, para os discípulos. Com uma série de perguntas, Jesus os repreende duramente, comparando sua incredulidade e incompreensão com a de seus adversários.

O cego de Betsaida (Mc 8,22-26). Interpretamos este relato a partir do simbólico. O cego representa todos os que não querem “ver” o projeto de Jesus. A cura, ainda imperfeita do cego, representa os discípulos que,

embora vejam e vivam com Jesus, acabam não o compreendendo e não entendendo sua Palavra. O cego curado totalmente introduz a passagem seguinte na qual Pedro e os discípulos reconhecem Jesus como o Messias. Assim como a cura do cego acontece por etapas, a fé também requer um processo gradual de amadurecimento e crescimento.

Confissão de Pedro (Mc 8,27-30). Cesareia de Filipe, chamada assim devido ao tetrarca Filipe, filho de Herodes, em honra do César romano e de si mesmo, é testemunha de um momento central no itinerário missionário de Jesus. A menção do “caminho” (v.27) é um dado teológico que se repete com frequência para ressaltar a decisão de Jesus de “subir” para Jerusalém. Enquanto a multidão continua sem identificar Jesus, os discípulos dão um passo adiante ao confessar que ele é o Messias (o Cristo, em grego), que significa o “Ungido”. Este mesmo título se encontra no início (1,1) e no final do Evangelho (15,39). Tudo está preparado para iniciar o caminho que vai da Galileia para Jerusalém. Mas, a que tipo de Messias Pedro se refere?

Primeiro anúncio da Paixão e Ressurreição (Mc 8,31-9,1). Jesus começa a revelar sua identidade messiânica com o primeiro anúncio da Paixão. Pedro, com uma concepção messiânica que exclui um Messias sofredor, tenta impedir o caminho de Jesus. Pedro é chamado Satanás porque age tal qual o tentador do deserto (1,12). Jesus aproveita para advertir seus seguidores sobre as exigências que o seguimento do seu próprio caminho implica. Estas são: compartilhar o caminho de sua paixão, dar a vida pela causa do reino, optar pela vida mais que pelo egoísmo do mundo e sentir-se ufanos por Jesus e por sua Palavra.

Transfiguração de Jesus (Mc 9,2-13). Seis dias depois do primeiro anúncio da Paixão, Jesus se transfigura para anunciar sua gloriosa ressurreição. Moisés representa a lei e Elias representa os profetas; ambos

sintetizam o AT (Mt 22,40). A proposta que Pedro faz a Jesus de ficar ali e viver na montanha corresponde ao medo de ir para Jerusalém, onde os espera dor e sofrimento; por isso, procura a todo custo impedir que Jesus desça da montanha e tome o caminho para Jerusalém. Como Pedro, são muitos os que preferem a comodidade da montanha em vez de descer dela para enfrentar os perigos da vida cotidiana. Dos três personagens presentes só resta Jesus, o Filho amado de Deus e a quem é preciso escutar. Jesus supera Moisés e Elias e inaugura o NT em continuação do AT. A ordem de não contar a ninguém (segredo messiânico) tem aqui uma explicação: esperar a ressurreição de Jesus para poder compreender sua proposta do reino.

O menino epilético (Mc 9,14-29). Esta passagem é um relato de exorcismo e cura no qual Jesus estabelece um diálogo com três atores distintos: a multidão, o pai do enfermo e seus discípulos. As chaves do texto são a fé e a oração. O relato começa e termina mostrando a incapacidade dos discípulos para curar o menino enfermo; no fim saberemos as razões: falta de fé, de oração. O pai recorre então a Jesus e lhe diz: “Se tu podes fazer alguma coisa” (v.22). A frase exprime desespero, necessidade, esperança, mas também um certo grau de desconfiança no poder de Jesus. A resposta de Jesus: “Tudo é possível a quem crê” indica que quem tem fé pode tudo, porque coloca toda sua confiança no poder de Deus. Como diria Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Segundo anúncio da Paixão e Ressurreição (Mc 9,30-32). Jesus não queria que ninguém soubesse de sua presença porque desejava estar sozinho com seus discípulos para anunciar pela segunda vez sua paixão, morte e ressurreição. A voz passiva na qual aparece o verbo “ser entregue” sugere que é Deus quem o entrega. Isso não supõe uma atitude sádica de

Deus. Ele entregou seu Filho amado para que a humanidade fosse salva, mas arrebatá-lo violentamente a vida isso dependia dos “homens” (cf. Is 53,12), uma decisão que rapidamente tomaram aqueles que sentiram seu poder ameaçado. Os discípulos, com sua visão triunfalista, não entendem que o Messias deva passar pela cruz.

Instrução comunitária (Mc 9,33-50). O silêncio dos discípulos indica a dificuldade que têm ainda para compreender e assumir de maneira radical os ensinamentos de Jesus; por exemplo, sua ambição de poder. As palavras de Jesus aos discípulos são contundentes: não é poder de domínio, mas a capacidade de serviço o que identifica o cristão. Depois toma um menino, que por sua idade é o último de todos e por seu ofício é servidor de todos, e o constitui um dos destinatários preferidos de sua missão: quem acolher este servidor desprotegido acolhe também o Pai e o Filho. Os ciúmes missionários de João são desqualificados por Jesus, pois uma coisa é que os discípulos constituam o grupo mais próximo de Jesus e outra coisa é que se considerem os depositários exclusivos do anúncio do reino. A universalidade não se refere só aos destinatários, mas também aos chamados para o discipulado.

Deveríamos até estabelecer alianças ou projetos comuns com aqueles que, sendo de outras religiões ou porque não professam nenhuma, colocam sua vida a serviço da humanidade. Fazer o bem é um Evangelho ecumênico, inter-religioso, multiétnico e pluricultural. Vários temas se desenvolvem nestas sentenças (vv.41-50). Não escandalizar, isto é, não levantar obstáculos para que o irmão caia. A radicalidade do Evangelho exige de nós que tomemos opções claras e coerentes: pelo projeto de Jesus que é a vida ou pelo projeto do mal que é fogo e morte. Não podemos servir a dois senhores (Mt 6,24).

Sobre o divórcio (Mc 10,1-12). Jesus abandona definitivamente a

Galileia para iniciar o caminho para Jerusalém. Aos fariseus não interessa a posição de Jesus perante o matrimônio, e sim sua interpretação de Dt 24,1 a respeito do divórcio. Segundo a legislação judaica, só o homem tinha direito de pedir o divórcio, por infidelidade, segundo a escola de Rabi Shamaï, por qualquer coisa que pudesse desagradar ao marido, deixar queimar a comida, por exemplo, segundo a escola de Rabi Hillel. Jesus, aludindo a Moisés, ensina que a Palavra de Deus deve ser interpretada de acordo com a realidade do momento, mas sem esquecer que existem chaves hermenêuticas colocadas por Deus que não mudam; por exemplo, a igualdade do homem e da mulher (cf. Gn 1,27), e o amor, fundamento de toda união matrimonial. Jesus insiste na fidelidade do pacto de amor. O matrimônio é um projeto de amor que implica igualdade em direitos, dignidade e obrigações, e exclui, portanto, toda relação de domínio. Enquanto houver amor, existirá matrimônio e existirá coração para sonhar e para perdoar.

Abençoa crianças (Mc 10,13-16). Os discípulos continuam acreditando que têm a exclusividade do reino. Não entenderam que a tarefa do missionário é aproximar o povo de Jesus e não afastar o povo. O Reino de Deus deve ser acolhido com a atitude de uma criança, que, ao contrário da atitude daninha dos fariseus, procura com alegria e simplicidade a pessoa de Jesus.

O jovem rico (Mc 10,17-31). O que distingue o jovem rico é o verbo “acumular”: riquezas, prestígio, méritos por cumprir os mandamentos etc. Jesus lhe propõe passar para o verbo “compartilhar”: sua vida com Jesus (discipulado) e sua riqueza com os pobres. Naqueles tempos, a riqueza era considerada um sinal da bênção divina. Jesus, seguindo a linha profética (Is 3,14s; 5,8; Am 2,6-7; 4,1; Mq 3,1-4), sabe que os pobres e os ricos não são fruto da vontade de Deus, mas da acumulação de uns

poucos que empobrecem a maioria. A riqueza é obstáculo para o reino. O jovem rico, embora se esforce como pessoa por ser bom, sua riqueza o transforma em construtor de uma sociedade injusta e não do Reino de Deus, que busca fazer desta terra um espelho do céu no qual a justiça, o amor e a paz cheguem a todos. Pedro, reconhecendo a tendência natural do ser humano a acumular, pergunta com preocupação: quem pode se salvar? Jesus responde com duas chaves: a salvação é um dom de Deus e compartilhar a vida com Jesus e com os pobres (boa notícia) tem sua recompensa neste mundo e depois na vida eterna. A opção pelos pobres não exclui os ricos; são os ricos os que se autoexcluem por não optar pelos pobres. A não equitativa redistribuição da riqueza no mundo é um pecado “multinacional” que dia após dia se acumula até o céu (Ap 18,5).

Terceiro anúncio da Paixão e Ressurreição (Mc 10,32-34). Jesus aceita conscientemente seu destino, não porque seja um adivinho, mas porque conhece sua realidade e sabe que as autoridades religiosas e políticas eliminam todos os que se opõem a seus interesses. Notemos o contraste entre Jesus, que vai adiante, decidido e convicto de que tem de “subir” para Jerusalém, e os discípulos que o seguem com medo. Não chegam a entender que o seguimento de Jesus implica avançar pelos caminhos, umas vezes festivos e outras de sofrimento, mas que conduzem sempre a experiências de ressurreição. Três dias é o prazo máximo para a intervenção divina em favor do justo paciente (Os 6,2).

Contra a ambição (Mc 10,35-45). Não sabemos se Tiago e João, com seu pedido, estão pensando piedosamente na glória dos céus ou cobiçosamente na glória e no poder da terra. Qualquer das duas interpretações não coincide com os planos de Deus, porque procuram benefícios pessoais acima dos outros, porque contrariam o seguimento de Jesus, que é antes de tudo uma opção de vida e não um trampolim

para obter privilégios, e porque o caminho da glória é o caminho da cruz. O cálice é símbolo de sofrimento (14,36) e o batismo, símbolo de imersão (“submergir”) na paixão e morte de Jesus (Rm 6,3). Jesus aproveita a ocasião para instruir os discípulos sobre o tema do poder e do serviço. Os governantes e os poderosos utilizam o poder para abusar e oprimir o povo. Pelo contrário, Jesus institui o serviço como requisito fundamental para os animadores e dirigentes cristãos, tanto no campo religioso quanto no político ou econômico.

O cego de Jericó (Mc 10,46-52). A cura do cego é o último milagre de Jesus no evangelho de Marcos. O povo que estava às escuras está próximo de ver a luz da ressurreição. Perante o grito de alguém que é cego, mendigo, situado à margem do caminho, que pede misericórdia e que grita apesar de todos quererem silenciá-lo, Jesus se detém e o manda chamar. A fé está a ponto de fazer outro milagre. O cego, ao abandonar o manto, deixa atrás de si uma “velha” vida para assumir uma nova no seguimento de Jesus. Quem estava à margem do caminho, agora segue Jesus, que é o “caminho”. Aos primeiros cristãos, identificavam-nos como os seguidores do “caminho” (At 22,4; 24,14.22).

Entrada triunfal em Jerusalém (Mc 11,1-11). Ao chegar a Jerusalém, tudo está preparado para cumprir o anunciado (8,31; 9,31; 10,33s). Jesus é apresentado como o Messias-Rei esperado, um rei pobre e humilde, que não traz a guerra mas sim a paz, segundo a profecia de Zc 9,9s. A intenção de devolver o jumentinho também o mostra como um rei justo e bondoso. O povo saúda Jesus com as palavras do Sl 117,25s. A expressão Hosana significa “salva- nos, por favor”. A ideia de rei que Jesus tem não concorda com a da multidão que grita “Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vai começar, o reino de Davi, nosso pai”, por seu caráter nacionalista, guerreiro e vingativo.

Amaldiçoa a figueira (Mc 11,12-14). Na tradição bíblica, a figueira simboliza o povo de Deus (Os 9,10). Ao chegar a Jerusalém, Jesus encontra uma sociedade que, tendo as folhas da Palavra de Deus, não quer produzir frutos (Mq 7,1; Jr 8,13), porque não acredita que a “estação” do reino já está no meio deles. Uma sociedade assim está condenada à esterilidade.

Purifica o templo (Mc 11,15-19). A esterilidade estende-se ao templo, que aparece belo e majestoso, mas igualmente sem frutos. O templo perdeu sua identidade como casa de oração universal (Is 56,7), e se transformou em um covil de ladrões que, segundo Jr 7,11, equivale a um depósito de bens adquiridos de maneira injusta.

A figueira seca (Mc 11,20-26). A figueira estéril secou. Jesus dá três chaves para que as comunidades cristãs não caiam na esterilidade nem na secura: a fé sem limites, a oração confiante e o perdão que fomenta a comunhão fraterna.

A autoridade de Jesus (Mc 11,27-33). Os três grupos que representam o Sinédrio (o Conselho judaico) reconhecem a autoridade de Jesus; mas duvidam de sua origem. Não entendem que a autoridade possa exercer-se a partir do serviço aos mais pobres e não a partir do poder e dos privilégios. Jesus se defende recorrendo à memória de João Batista, que conquistou autoridade graças a seu serviço profético. Os dirigentes, que não podem negar o argumento de João Batista, devem aceitar implicitamente que a autoridade de Jesus também é divina, porque está colocada a serviço da humanidade.

Os vinhateiros malvados (Mc 12,1-12). Mais que uma parábola, é uma alegoria tomada de Is 5,1-7. A vinha simboliza o povo de Deus, e os lavradores simbolizam os dirigentes. O dono da vinha (Deus) não cessa de confiar em seu povo e envia, várias vezes, servos (profetas) para pedir o fruto que espera de sua vinha: justiça, misericórdia, verdade

etc. Todavia, os dirigentes infieis também não cessam de rechaçar ou eliminar os servos enviados (Dt 29,25; Jz 2,12; 1Rs 9,9; Jr 7,25; 16,11). Deus tanto ama sua vinha que manda o “último enviado” (Jesus), seu Filho amado (1,11; 9,7). Os dirigentes reconhecem-no, sabem que é o herdeiro e, conscientemente, decidem não só matá-lo, mas apagar do povo a memória dele (“atiraram-no fora da vinha”), para perpetuar seu poder de domínio. Deus intervém para salvar sua vinha: ressuscita seu Filho amado e o transforma em pedra angular do novo povo de Deus (Sl 117,22). Os animadores de comunidades cristãs devem se perguntar a cada dia se a vinha do Senhor que eles administram está produzindo os frutos que o Senhor espera.

O tributo a César (Mc 12,13-17). Os novos adversários representam os fanáticos religiosos (fariseus) e os colaboracionistas com o império romano (herodianos). A pergunta tem sabor de hipocrisia e de engano mortal. Se responder que sim, fica malvisto pelos judeus; se responder que não, os romanos o tomarão por revolucionário. Jesus, que sabe de suas intenções, pede-lhes um denário, moeda corrente do Império Romano. O denário tinha uma imagem do imperador (Tibério) e uma legenda que afirmava sua divindade.

Jesus pede que se devolva a César o que é de César, reconhecendo a autonomia do poder civil, mas recusando sua divinização. Jesus opõe-se a qualquer projeto teocrático ou ditatorial imposto por governantes que pensam ser deuses ou senhores do mundo. A Deus o que é de Deus significa que Deus não se identifica com nenhum projeto político em particular, mas com todos aqueles que se identifiquem com as necessidades do povo.

Sobre a ressurreição (Mc 12,18-27). Os saduceus são um grupo político e religioso formado pelas classes dominantes. Eram amigos

da cultura helenista e colaboradores do Império Romano; rejeitavam a tradição oral, a fé na ressurreição e a existência dos anjos (At 23,8); só aceitavam como normativos os cinco livros da Torá. Os saduceus, inspirados na lei do levirato (Dt 25,5-10), procuram ridicularizar a crença na ressurreição dos mortos. Jesus lhes responde acusando-os de não entenderem a Escritura, pois se orientam mais por seus próprios interesses do que pelos de Deus. Jesus interpreta a ressurreição, não como uma continuação da vida mortal (tese farisaica), mas como um estado de vida em plenitude junto com Deus. A controvérsia termina com uma profissão de fé sobre a vida, que recorda Ex 3,6.15 e prefigura o triunfo de Jesus sobre a morte. Optar pelo Deus da Vida e pela vida do povo é um imperativo cristão.

O preceito mais importante (Mc 12,28-34). O fundamentalismo religioso dos fariseus e dos doutores da lei havia multiplicado os dez mandamentos em aproximadamente 630 mandamentos. Um dos doutores da lei, sinceramente confundido, pergunta a Jesus sobre o mandamento principal. Jesus, recorrendo a Dt 6,4s e Lv 19,18, responde que não é um, e sim dois: o amor a Deus e o amor ao próximo. Do amor a Deus, antes que ritos e promessas, deve nascer sempre o amor e a solidariedade pelos irmãos (cf. 1Jo 4,20).

O Messias e Davi (Mc 12,35-37). Jesus não aceita a filiação davídica por duas razões: primeiro, porque ele é mais que Davi e, segundo, porque recusa a ideia de um rei, que como Davi ou qualquer outro divide o mundo em classes sociais, impõe pesados tributos, é nacionalista e excludente, baseia-se na pedagogia da violência e não da consciência etc. (cf. 1Sm 8,10-18).

Invectiva contra os doutores da lei (Mc 12,38-40). Os doutores ou mestres da lei eram apreciados e respeitados pelo povo. Não obstante,

Jesus os denuncia como hipócritas, corruptos e embusteiros, que se aproveitam da fé do povo para favorecer seus mesquinhos interesses.

A oferenda da viúva (Mc 12,41-44). Enquanto aos ricos só interessa acumular, a viúva dá com generosidade. A viúva representa o povo de Israel excluído socialmente (é viúva) e economicamente (é pobre). Ao contrário do jovem rico, a viúva não dá daquilo que lhe sobra, mas coloca nas mãos de Deus tudo o que tem. Jesus muda assim o conceito de esmola parcial pelo de solidariedade total.

Discurso escatológico: destruição do templo (Mc 13,1-13). O capítulo 13 de Marcos é conhecido como o “discurso escatológico”. Com uma linguagem profético-apocalíptica e com o olhar posto no presente da missão e no final da história, procura animar a fidelidade das comunidades cristãs em um Jesus que está a ponto de ser crucificado. Este discurso tem de ser lido e interpretado, não com os olhos do medo diante do que se vai destruir, e sim com otimismo e esperança pelo que se está construindo.

Entretanto, os dirigentes procuram a destruição da pessoa de Jesus. Ele prediz a destruição das instituições, simbolizadas na imponência do templo.

A destruição do templo está em estreita relação com a proposta da construção do Reino de Deus. As perguntas sobre o quando e sobre os sinais indicadores da destruição permitem a Jesus começar o discurso escatológico. Nos versículos 5-13, Jesus descreve, com estilo profético, uma realidade dominado por falsos messias, pela violência política (fratricida), econômica (carestia) e ecológica, e pela perseguição e tortura dos bons. A presença de Deus nesta difícil realidade procura gerar na consciência cristã esperança, confiança e fidelidade ao projeto de Jesus.

A grande tribulação (Mc 13,14-23). O ídolo abominável, em clara

referência a Antíoco IV Epífanes (Dn 9,27), continua se manifestando nas autoridades políticas romanas e israelitas que, amparadas em falsos messias e profetas (Dn 13,2-4), tornam legítima a perseguição e a opressão das populações urbanas e rurais, e o extermínio das novas gerações no melhor estilo do faraó no Egito (Ex 1,16). As comunidades cristãs precisam saber que, vivendo a experiência do Reino de Deus, poderão identificar os falsos messias e os falsos profetas, e se mudarão os dias de tribulação por sonhos de salvação (Dn 12,1).

A parusia (Mc 13,24-27). O relato da vinda do Filho do Homem, situado no centro do discurso escatológico, imprime um forte sentido cristológico. A comoção cósmica é típica da profecia e da apocalíptica para introduzir as grandes intervenções de Deus e dar uma mudança na história (Is 13,10; 34,4; Dn 7,13s). A parusia apresenta-se como o dia da grande reunião de todo o povo de Deus; por isso, não pode ser um dia de medo e sim de alegria.

O dia e a hora (Mc 13,28-32). Respondendo à pergunta sobre o quando, Jesus afirma que o importante não é alimentar a passividade e o medo esperando a destruição do mundo ou o juízo final, e sim aprender a discernir os sinais dos tempos, a ler a vontade de Deus em todos os momentos de nossa vida e estar vigilantes para assumir responsável e criativamente a construção do Reino de Deus. Deve-se viver em plenitude o tempo presente e esperar a parusia de Jesus com alegria. Não nos preocupar com o “quando” virá Jesus, e sim com encontrá-lo agora que está vindo sem cessar. Jesus ressuscitou e vive no meio de nós. Não estamos esperando que “volte”, porque na realidade nunca se afastou de nós. O que esperamos é a manifestação gloriosa deste Jesus que sempre tem estado conosco.

Parábola dos servidores fiéis (Mc 13,33-37). É compreensível,

não obstante, que a comunidade esperasse uma parusia próxima: atitude própria da primeira geração cristã (documentada, por exemplo, em 2 Tessalonicenses). Daí que esta breve parábola pretenda na intenção de Marcos evitar interpretações precisas e confiantes. A conclusão de tudo é um convite a estar vigilantes como atitude básica do cristão. A parábola procura salientá-lo com os detalhes gráficos do porteiro sonolento (cf. Is 56,10).

Conjuração para matar Jesus (Mc 14,15). Começa o caminho da paixão, morte e ressurreição. Por sua extensão, muitos consideram o evangelho de Marcos como “uma história da paixão, precedida de uma extensa introdução”. O relato deve ser lido em chave cristológica.

É quarta-feira e os planos para matar Jesus se confirmam, mas também fica confirmado o medo dos dirigentes em relação à multidão. Todavia, contrariamente ao que se afirma, mataram Jesus durante as festas, e a multidão não o apoiou, mas o acabou condenando.

Unção em Betânia (Mc 14,16). Em contraste com o ódio dos dirigentes judeus, uma mulher realiza um gesto anônimo e supremo de amor a Jesus (cf. Ct 1,12). O elevado preço do perfume simboliza a qualidade do amor. Derramá-lo sobre sua cabeça simboliza sua doação total e a unção de Jesus como rei, mas um rei que triunfa, não a partir do poder de seus exércitos, mas a partir da “fragilidade” da cruz. Enquanto as pessoas o consideram um desperdício, Jesus o reconhece como uma obra boa, porque uma esmola compromete algo do que nos sobra; em troca, uma obra de misericórdia, que é o que a mulher está fazendo, compromete toda a pessoa e estabelece um laço de solidariedade que vai até a própria morte. Com o anúncio de sua morte, Jesus ratifica a dignidade de sua pobreza, dando tudo o que tem, até mesmo a própria vida, pela salvação da humanidade.

Traição de Judas (Mc 14,105). Em oposição à generosidade da mulher, impõe-se a atitude subornável e traiçoeira de Judas Iscariotes. Insinua-se o motivo do dinheiro; mas o que impressiona o narrador é que seja ele “um dos Doze”. Como em 11,1-6, Jesus conhece e dirige tudo antecipadamente. A traição do amigo é particularmente dolorosa (cf. Sl 54,13-15).

Páscoa e Eucaristia (Mc 14,106-5). Na festa pascal, antes do pôr do sol sacrificava-se o cordeiro e depois do pôr do sol celebrava-se a ceia em família. Para preparar a ceia, Jesus envia dois discípulos, dando ao fato um sentido missionário (6,7). Ao homem que carrega um cântaro de água, tarefa própria da mulher, identifica-se figuradamente João Batista, que continua preparando os caminhos do Senhor.

Durante a ceia Jesus denuncia a traição por parte de um dos Doze, um que hipocritamente compartilha do pão, expressão máxima de comunhão e de fraternidade. Neste ambiente de traição em que se vende a vida de um inocente, Jesus ratifica, com a instituição da eucaristia, o oferecimento de sua vida para o resgate da humanidade. Jesus oferece o pão que simboliza seu corpo: quem comer dele aceita a pessoa de Jesus em sua vida. Depois oferece o cálice, que simboliza a nova aliança; o sangue derramado significa a morte violenta de Jesus, e beber do cálice implica assumir o sacrifício de Jesus e comprometer-se com seu projeto de vida.

Anúncio do abandono (Mc 14,107-1). O canto dos hinos chamados Hallel (Sl 113-117) assinala o final da ceia. O grupo dirige-se ao monte das Oliveiras, no qual Jesus faz um novo anúncio de sua morte e menciona as consequências entre seus discípulos: escândalo e dispersão (cf. Zc 13,7). À profecia de Jesus, somente Pedro responde, assegurando que, mesmo que todos se escandalizem, ele não se escandalizará. Jesus reprova o orgulho de Pedro predizendo-lhe sua tríplice negação.

Oração no horto (Mc 14,108-2). Em Getsêmani (“lagar de azeite”) voltam a aparecer as tentações: “afastar aquela hora”, temor, angústia e tristeza. Jesus recorre então à oração (cf. 1,33; 6,46) e à companhia de três dos seus discípulos mais próximos (cf. 5,37; 9,2), para pedir-lhes que vigiem e orem. A oração de Jesus está dividida em quatro partes: invocação (Aba), profissão de fé (“tudo te é possível”), súplica (“afasta de mim este cálice”) e submissão à vontade de Deus (“não se faça o que eu quero, senão o que tu queres”).

Enquanto Judas acordado vai preparando a entrega de Jesus, os discípulos caem no sono. O sono e a incapacidade de “velar uma hora” indicam que o discípulo não está preparado em seu interior para assumir o caminho da paixão, caminho que Jesus terá de percorrer em completa solidão. A expressão, “vamos, levantai-vos”, mostra um Jesus que passou já da angústia e da tristeza do início para a serenidade e segurança no assumir “aquela hora”.

Jesus é preso (Mc 14,109-2). Judas é mencionado como “um dos Doze” para ressaltar a contradição entre a pertença ao grupo mais íntimo dos discípulos e a traição para com o Mestre. A traição e entregar resumem a atitude de Judas. A partir de 14,46, Judas não se menciona mais. Os que haviam vindo com Judas para deter Jesus, “lançaram-lhe as mãos”, indicando a violência do processo. O outro verbo (prender, aprisionar) emprega-se para indicar a detenção de alguém pela força e por uma ordem da autoridade. Do meio da escuridão e sem nome aparece um homem que desembainha a espada e fere o servo do sumo sacerdote. A reação de Jesus deixa claro que diante dele nenhuma violência tem sentido, nem razão de ser. Ter a orelha cortada era uma desonra e ficava impedido de exercer funções sagradas.

Jesus diante do Conselho (Mc 14,110-5). O anunciado por Jesus em

10,33s começa a cumprir-se ao pé da letra. Pedro segue Jesus de “longe” (cf. Sl 37,12), indicando a ambiguidade de seu seguimento. Segundo a legislação judaica, toda a acusação deve estar apoiada ao menos por duas testemunhas. O versículo 55 permite deduzir que o julgamento não vai ser justo. Propiciar a morte de Jesus era um velho anseio das autoridades judaicas (Mc 3,6; 11,18; 12,12; 14,1; 14,11). Não obstante, os testemunhos são tão falsos que não concordam entre si. Ao sumo sacerdote não restou alternativa senão perguntar diretamente a Jesus: “És tu o Cristo, o Filho de Deus bendito?” Jesus não duvida em responder: “Sim, eu sou”, um nome que evoca o Deus libertador do Êxodo (Ex 3,14). A resposta de Jesus é considerada uma blasfêmia por duas razões: uma de tipo religioso, ao insultar Deus chamando-se Messias (Lv 24,15s), e outra de tipo político, desprezar a lei (Nm 15,30) propondo mudanças radicais nas instituições religiosas de Israel. Marcos salienta que todos estavam de acordo em decretar a morte de Jesus. Os golpes, as injúrias, as escarradas e as bofetadas fazem parte do programa de Jesus como o servo sofredor de Is 50,6.

Negações de Pedro (Mc 14,66-72). Enquanto Jesus permanece decidido diante do sumo sacerdote por defender a causa do reino, Pedro deixa-se arrasar por negar Jesus com medo dos que o designam como seguidor do Nazareno. A negação confirma que Pedro aceita Jesus como Messias, mas recusa o caminho que tem de seguir com o Mestre, que é o caminho da cruz. O relato não termina sem que Pedro recorde as palavras de Jesus (14,30) e chore de arrependimento e vergonha.

Jesus diante de Pilatos (Mc 15,1-15). Até agora tudo ocorreu em um ambiente nitidamente judaico. Daqui em diante, Pilatos e a tropa romana compartilharão com o Conselho judaico a responsabilidade na morte de Jesus. Marcos, não obstante, insiste em salientar a responsabilidade dos

sumos sacerdotes, que são apresentados como invejosos, instigadores e manipuladores da vontade do povo. Pilatos através do interrogatório deixa claro que as acusações não provêm dele, mas das autoridades religiosas. A insistência de Pilatos em assinalar a inocência de Jesus tem uma intenção teológica, mostrar a figura do justo paciente injustamente condenado (cf. At 3,13s; 1Pd 2,21-23). A multidão em Marcos é um personagem compacto, mas oscilante, algumas vezes está do lado de Jesus gritando “Hosana” e em outras, ao contrário, está pedindo a libertação de Barrabás e a crucificação de Jesus. Ao longo do relato Jesus mantém-se em silêncio completo, em contraste com todos os que falam e gritam ao seu derredor: os sacerdotes, Pilatos, o povo e os soldados. Um silêncio que se manterá até a cruz, onde será rompido para falar com o Pai.

A irrisão dos soldados (Mc 15,16-20). A diferença entre as chacotas proferidas pelos judeus e as dos romanos consiste em que os primeiros riem-se de Jesus profeta, e os outros, de Jesus rei. No final das zombarias Jesus fica transformado no “Servo sofredor” que se prepara para iniciar o caminho da cruz.

Morte de Jesus (Mc 15,21-41). A multidão, os sumos sacerdotes e os doutores da lei riem-se de Jesus, porque não é capaz de descer da cruz. Eles veem a crucificação não como doação, e sim como impotência. Não lhes ocorre pensar que Jesus permanece na cruz por puro amor. E se o amor é a verdade de Deus, a cruz é o símbolo do amor maior expresso por alguém em favor de seus irmãos. A cruz é o escândalo que em todos os tempos bate à porta dos homens e mulheres que por puro amor lutam incansavelmente por um mundo melhor. As trevas representam Israel que não pôde ver a luz do reino. O “véu rasgado em duas partes de alto a baixo” (v.38) simboliza o rompimento de uma barreira que impede ver o verdadeiro rosto de Deus e também o fim de um modelo de religião que

manipula Deus, escraviza mediante a lei e conduz à morte. A resposta do centurião romano: “Este homem era realmente o Filho de Deus” (cf. v.39) surpreende, porque não se trata de um judeu e nem mesmo é discípulo. Terminada a narração, Marcos fala de um grupo de mulheres que está presente, sem nos contar suas palavras ou reações. Não existe nenhum discípulo. Deve-se resgatar o valor da presença das mulheres, porque elas constituem o vínculo entre o acontecimento da cruz e o da ressurreição, entre os discípulos que abandonaram Jesus em sua paixão e crucificação e o Jesus ressuscitado que quer reuni-los de novo (15,1-8).

Sepultamento de Jesus (Mc 15,42-47). Diante da ausência dos discípulos, José de Arimateia se encarrega do sepultamento. Deve apressar-se porque o início do sábado está próximo. Graças a seus cuidados em relação a Pilatos, a quem pediu o corpo do Mestre, Jesus não foi depositado em uma fossa comum, como se costumava fazer com os crucificados, e sim em uma sepultura individual, cavada na rocha. A missão das mulheres é acompanhar e olhar, ver bem onde está o corpo, pois têm a intenção de voltar. Sua posição, aparentemente passiva, é uma resposta do amor humano ao amor de Jesus manifestado na cruz.

Ressurreição de Jesus (Mc 16,1-8). O primeiro dia da semana, colocado em relação com o primeiro dia da criação (Gn 1,5), simboliza que, com a ressurreição de Jesus, começa a criação definitiva. As mulheres se dirigem ao sepulcro com a preocupação de não encontrar alguém que lhes tire a pedra. Embora amassem a Jesus, ainda não criam em sua ressurreição.

Encontram a pedra removida e dentro do sepulcro um anjo que lhes anuncia a ressurreição de Jesus e lhes dá uma instrução para os apóstolos para que abandonem Jerusalém e os ideais do judaísmo, para começarem a missão universal a partir da Galileia (14,28), onde Jesus começou a sua

e os chamou ao seguimento (1,16-21a).

Com o medo e o silêncio das mulheres, Marcos pretende não dar por acabado o evangelho para que os crentes de todos os tempos, conhecendo o testemunho das primeiras comunidades, o façam nosso, recriando-o a partir de nossa situação concreta e com a força do Espírito de Jesus ressuscitado. Isto é, cada um de nós deve “terminar” o evangelho de Marcos. A ressurreição de Jesus não é o final de uma obra, mas o começo da aventura cristã.

Epílogo - Missão dos discípulos (Mc 16,9-20). A maior parte dos especialistas pensa que esta passagem é um acréscimo posterior. Dão-se várias razões: o vocabulário e o estilo diferem do resto do evangelho; não tem coerência com a passagem anterior (16,1-8) já que muda, entre outros motivos, o sujeito e o número de mulheres. O relato concentra textos tomados de outros evangelhos: a aparição a Maria Madalena (Jo 20,11-18), os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), refeição e missão (Lc 24,36-49; Jo 20,19-23; Mt 28,18-20), ascensão (Lc 24,50-53). O fio condutor do relato é a incredulidade dos discípulos; não obstante, Jesus continua contando com eles para a missão, e os envia a anunciar a Boa-Nova a toda a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.